

QUÊ MATOU O REITOR DA UFSC?

Em setembro de 2017 a comunidade acadêmica foi surpreendida com a prisão preventiva do Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Luiz Carlos Cancellier de Olivo. O mote da prisão era impedir que o acusado obstruísse a investigação que apura desvios de repasses do governo federal à UFSC. Solto através de *habeas corpus*, Cancellier ficou impedido de frequentar a Universidade, o que, segundo bilhete por ele manuscrito, motivou o cometimento de seu suicídio.

Considerando que nosso sistema constitucional garante a presunção de inocência, a presente reflexão não pretende especular sobre a legitimidade das acusações perpetradas pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, mas refletir sobre a coparticipação de dois traços da cultura brasileira nessa tragédia: a corrupção e a mentalidade inquisitorial.

Primeiro, há de se detectar o linchamento moral ao qual foi submetido Cancellier. Submetido à crueldade do que doutrinariamente chama-se de processo penal do espetáculo. Cancellier sofreu na carne encarcerada e na alma exilada, os efeitos de algumas das tentativas mais atabalhoadas da Justiça para combater nosso trauma cultural da corrupção. A mistura de heroísmo, narcisismo e vontade-de-repercussão atingiram o ápice com a morte de Cancellier, ligando o sinal de alerta em relação ao caráter inquisitorial e mortal do processo penal brasileiro.

Por outro lado, ainda que não se possa pré-julgar a existência de casos de corrupção nas Universidades Federais, visto que a confirmação desses crimes encontra-se hoje à espera do devido processo legal, o caso de Cancellier também serve de alerta para as fragilidades e os problemas enfrentados pelas Universidades Federais. Em que pese nos últimos anos tenha havido razoável incremento salarial dos professores, bem como expansão dos campi pelo interior do país; as universidades federais ainda são marcadas pela gestão ineficiente, falta de planejamento estratégico, pela carência de retorno dos investimentos ao país, pela falta de conexão entre os cursos oferecidos e a potencialidade das regiões onde se instalam e pelo baixo fator de impacto internacional.

O caso do Campus de Joinville da mesma UFSC de Cancellier é paradigmático. Previsto para ser concluído em 2014 e ainda inacabado, o campus, até o final de 2016, já tinha custado aos cofres públicos mais de R\$ 11 milhões. Enquanto isso, os alunos amargam suas vidas acadêmicas em prédios precarizados que custaram, em aluguel, também até 2016, mais de R\$ 4 milhões.

E importante ressaltar, que se instalou nas Universidades Federais e Instituições públicas em geral, um Estado de Exceção permanente, onde supostos “*intelectuais*” (não importando sua roupagem ideológica) diante do quadro de corrupção que assola o território nacional, defendem ideologicamente a permanência do status quo, desde 13 anos de desgoverno federal que aparelhou e corrompeu até as raízes as instituições públicas, já precárias, devido o nosso passado histórico. Realiza tais empreitadas perseguindo, assediando moralmente as vozes dissidentes, calando, manipulando alunos militantes, que invadem sala de aula obstruindo o livre exercício da profissão, como a posterior difamação em rede social daqueles que não concordam com a pauta imposta.

São alertas importantes que a morte de Cancellier deveria trazer ao debate acadêmico e político do Brasil. É provável em que em pouco tempo, possamos atestar que nossa ancestral corrupção e nossa mentalidade inquisitorial é que levaram Cancellier desse mundo.

A presente edição da Revista Cadernos Bauman é, portanto, uma homenagem à Cancellier.

Prof. Dr. Paulo Ferrareze Filho

Prof. Dr. Wellington Lima Amorim